



Enquanto o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, reage de pronto às investidas de Bolsonaro contra o TSE, o líder da Câmara, Arthur Lira, silencia

# Em lados opostos ante os ataques às eleições

» RAPHAEL FELICE

Os presidentes do Senado e da Câmara têm adotado posturas diferentes ante os ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao sistema eleitoral. Enquanto o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) rebate de pronto as suspeitas do chefe do Executivo sobre a lisura das urnas eletrônicas, o deputado Arthur Lira (PP-AL) se mantém em silêncio.

Pacheco prega reiteradamente o respeito à democracia e se manifesta à medida que Bolsonaro investe contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF). O presidente do Senado reagiu, por exemplo, após o chefe do Executivo comandar uma reunião com embaixadores, na segunda-feira, na qual fez acusações de fraude nas urnas eletrônicas, sem apresentar provas. “O Congresso Nacional, cuja composição foi eleita pelo atual e moderno sistema eleitoral, tem obrigação de afirmar à população que as urnas eletrônicas darão ao país o resultado fiel da vontade do povo, seja qual for”, escreveu Pacheco nas redes sociais.

Já Lira, mais uma vez, silenciou. O presidente da Câmara é aliado de Bolsonaro e até fez coro com o chefe do Planalto na defesa do voto impresso. A relação dos dois se estreitou após o Executivo entregar ao Centrão — base de apoio do governo no Congresso — o comando do Orçamento da União. Lira é um dos caciques do grupo. Ele age na Câmara para fazer avançar, a

ED ALVES/CB/D.A.Press



Pacheco (D) rebateu as acusações de Bolsonaro contra a lisura do sistema eleitoral, mas Lira (E) se calou



**Ao posto de presidente da Câmara não é dado o direito de escolher o silêncio cúmplice”**

Marcelo Ramos (PSD-AM), deputado

toque de caixa, matérias de interesse de Bolsonaro, como foi a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) dos Benefícios, que turbinou o Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600 a menos de três meses das eleições. Lira também ignora os mais de 140 pedidos de impeachment contra o presidente da República.

## Reprovação

A inércia do presidente da Câmara é alvo de reprovação de alguns pares. O deputado Marcelo Ramos (PSD-AM), ex-vice-presidente da Casa, está entre os críticos. “Silêncio mais ensurdecedor que o dos embaixadores após a patética apresentação de Bolsonaro só o do presidente da Câmara,

Arthur Lira, diante dos ataques ao sistema eleitoral e à democracia. Ao posto de presidente da Câmara não é dado o direito de escolher o silêncio cúmplice”, afirmou.

O deputado Júlio Delgado (PV-MG) disse que Lira deveria “reafirmar a solidez da nossa democracia e condenar essa ameaça de golpe com a volta desse assunto de voto impresso”.

Na base do governo, houve diferentes reações. Integrantes da ala ideológica, como as deputadas Bia Kicis (PL-DF) e Carla Zambelli (PL-SP), foram às redes sociais defender Bolsonaro e avaliar a posição contrária ao processo eleitoral. Já membros do Centrão entendem como um erro a insistência nos ataques às urnas eletrônicas e ao STF.

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Simone Tebet vive semana decisiva no MDB

A uma semana da convenção eleitoral do MDB, a candidatura da senadora Simone Tebet (MS) à Presidência da República vive uma semana decisiva, com muitas articulações políticas contrárias, mas em condições de derrotar a ofensiva dos caciques do MDB que desejam remover sua candidatura e apoiar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva já no primeiro turno. Na segunda-feira, 11 representantes de diretórios regionais, a maioria do Nordeste, se reuniram com o PT para consolidar a dissidência que apoia Lula. Ontem, o ex-presidente Michel Temer e o presidente da legenda, deputado Baleia Rossi (SP), com apoio de 19 diretórios, reafirmaram a candidatura. A conta não fecha. São 27 diretórios.

Os senadores Eduardo Braga (AM), Renan Calheiros (AL), Veneziano Vital do Rêgo (PB), Rose de Freitas (ES) e Marcelo Castro (PI); o governador de Alagoas, Paulo Dantas; e os ex-senadores Eunício Oliveira (CE) e Edison Lobão (MA), além do presidente do diretório estadual do MDB no RJ, Leonardo Picciani, participaram do encontro com Lula. O governador do Pará, Helder Barbalho, e o ex-senador Garibaldi Alves (RN), aliados do petista, não compareceram.

Ontem, Eduardo Braga, Renan Calheiros, Rose de Freitas, Marcelo Castro, o deputado federal Isinaldo Bulhões (AL) e o ex-governador Moreira Franco (RJ) se reuniram com Temer, no seu escritório, no Itaim Bibi, em São Paulo. O ex-presidente é uma peça-chave no tabuleiro das relações entre os caciques emedebistas. Até agora, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva vem trabalhando para dividir o MDB e não procurou Temer, principalmente por causa dos ressentimentos petistas em razão do impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Temer anda descontente com a situação da candidatura de Simone Tebet, que não decolou nas pesquisas. A senadora pantaneira, porém, se beneficiou diretamente do fato de a cúpula do PSDB ter removido a candidatura do ex-governador João Doria e desistido da chapa própria. O Cidadania, liderado por Roberto Freire, que integra a federação com o PSDB, é a única legenda que se engajou na candidatura de Tebet, apesar de alguns deputados de sua bancada se fingirem de mortos. O PSDB, cuja cúpula chegou a anunciar o apoio a Tebet, não se mobiliza para a campanha da emedebista. Os tucanos vivem um salve-se quem puder, especialmente em São Paulo, onde o governador Rodrigo Garcia está em dificuldade para se reeleger.

Um balanço da situação interna do MDB mostra, porém, que Tebet ainda tem o apoio da maioria dos estados e dificilmente sua candidatura seria deslocada sem uma negociação muito ampla com o PT, para atrair Temer, o que é improvável. Uma ala que apoia a candidatura do presidente Jair Bolsonaro também não tem força para impor essa orientação. Por essa razão, prefere manter a candidatura de Tebet e barrar o apoio formal a Lula, o que daria muito tempo de televisão ao petista.

## Rubião

Segundo o senador Eduardo Braga, que lidera a dissidência, o grupo ainda não tem posição definida sobre como pretende se comportar na convenção. As disputas no MDB costumam ser resolvidas na base da Lei de Murici, “cada um cuida de si”. O partido é uma federação de grupos regionais, cujas lideranças convivem na divergência há muitos anos. De um lado, o grupo do ex-presidente José Sarney e de Renan Calheiros, aliados de Lula desde 2002; de outro, o grupo de Michel Temer e Moreira Franco, que se aliou a Lula em 2006 e fez parte da chapa de Dilma Rousseff em 2010 e 2014. Em 2016, Temer e Moreira romperam com Dilma Rousseff e aderiram às articulações do impeachment, o que a cúpula petista não perdoa.

A sete dias da convenção, o grupo pró-Lula ainda busca convencer Temer a aceitar a aliança, mas isso depende de uma iniciativa pessoal e pública de Lula, que mantém distância regulamentar do ex-presidente da República. A sorte de Tebet, mesmo estagnada nas pesquisas, é que o MDB também gosta de cristianizar seus candidatos, como fez com Ulysses Guimarães, em 1989; Orestes Quércia, em 1994; e mais recentemente, em 2018, com Henrique Meirelles.

A candidata do MDB ainda tem condições de tentar crescer nas pesquisas. Tebet é leve nas ruas, onde não é hostilizada, podendo circular nos eventos sem grandes aparatos, o que não acontece com Bolsonaro nem com Lula. Mesmo Ciro Gomes, candidato do PDT, tem mais dificuldades que ela, quando nada porque não leva desafiador para casa ao sofrer provocações de petistas e bolsonaristas.

A convenção do MDB, marcada para o dia 27, será virtual. É um jogo de cartas marcadas, ou seja, a favor de Tebet ou contra ela, tudo será acertado antes. Do ponto de vista de sua candidatura, é um Rubião, porque isso garantirá acesso ao tempo de rádio e televisão quando a propaganda política começar para valer, em 15 de agosto. A distribuição de tempo entre os principais candidatos será a seguinte: Lula terá 3 minutos e 10 segundos a cada um dos dois blocos de 12 minutos e 30 segundos; Bolsonaro, 2 minutos e 50 segundos; Bivar, 2 minutos por bloco; Simone Tebet, 1 minuto e 50 segundos; e Ciro Gomes (PDT), 50 segundos.

## Deu no

### The New York Times

O jornal americano sugeriu que o presidente Jair Bolsonaro pode estar seguindo os passos do ex-presidente americano Donald Trump, que atinou apoiadores contra o sistema eleitoral dos EUA, em uma ação que desembocou no ataque ao Capitólio, no início do ano passado, e deixou cinco mortos. “Assim como Trump, Bolsonaro parece estar desacreditando a votação antes que ela aconteça.”

### The Guardian

O diário inglês destacou que “ataque de Bolsonaro ao sistema eleitoral brasileiro gera indignação”. “Bolsonaro disse a eles (embaixadores) que o sistema de votação eletrônica no Brasil, que é usado sem controvérsia desde 1996, era vulnerável”, noticiou. O jornal destacou que os questionamentos “ocorrem em meio a pesquisas ruins para o líder de extrema direita que enfrenta as eleições de outubro”.

### Clarín

O jornal argentino noticiou que Bolsonaro instou os embaixadores a questionarem as eleições no Brasil. “O presidente Jair Bolsonaro chamou dezenas de diplomatas estrangeiros (...) para dizer que acredita que os sistemas de votação do país podem ser fraudados, uma possível prévia de sua estratégia para uma eleição que está a 75 dias e que as pesquisas preveem que ele vai perder de goleada”, destacou.

### LA REPÚBLICA

O diário da Colômbia noticiou que o presidente Jair Bolsonaro compartilhou sua “preocupação” com embaixadores e que ele tem questionado “repetidamente” o sistema de votação do país. A publicação ainda lembrou que a Argentina, governada pelo esquerdista Alberto Fernández, não foi representada no encontro no Palácio da Alvorada.

## Justiça determina mais apuração do caso Arruda

» LUANA PATRIOLINO

O juiz Gustavo Germano Francisco Arguello, da 3ª Vara Criminal de Foz do Iguaçu (PR), devolveu à Polícia Civil o inquérito sobre o assassinato do guarda municipal e tesoureiro do PT Marcelo Arruda, ocorrido em 9 de julho. A Justiça determinou novas diligências, pedidas pelo Ministério Público do Paraná, como a perícia no celular do autor dos disparos contra o petista, o agente penitenciário bolsonarista Jorge Guarinho.

A decisão foi publicada três dias após a conclusão do caso pela polícia. O inquérito foi finalizado em apenas cinco dias — antes da divulgação de dados contidos no celular de Guarinho — e concluiu não haver indícios que apontem crime político.

“Determino o retorno do inquérito policial à delegacia de polícia, via remessa off-line, para o urgente cumprimento das diligências investigativas requisitadas pelo Ministério Público, ressaltando que a aplicação do art. 16, do CPP (Código de Processo Penal), não afasta a observância

dos exíguos prazos processuais na tramitação de inquéritos de indiciado preso”, escreveu o juiz. Segundo o Ministério Público, as análises do carro do suspeito nem das câmeras de segurança do local do crime. O mandato de busca e apreensão do aparelho foi cumprido um dia antes da conclusão do inquérito. As informações contidas no telefone devem auxiliar na investigação e identificar se houve participação indireta de outras pessoas no crime.

Além de não incluir a perícia do celular de Guarinho, o relatório final da polícia não contém as análises do carro do suspeito nem das câmeras de segurança do local do crime.

Em nota, a Polícia Civil do Paraná disse que vai cumprir “rapidamente” as diligências. “As perícias já tinham sido requisitadas pela autoridade policial à Polícia Científica, na semana passada; por enquanto, sem previsão de conclusão”, informou.

## Vigilante morto

A Polícia Civil deve realizar uma perícia no celular do

Divulgação



Marcelo Arruda foi assassinado por um bolsonarista em Foz do Iguaçu

vigilante Claudinei Coco Esquarcini, de 44 anos, encontrado morto no último domingo, na cidade de Medianeira, no Paraná. Ele era o responsável pela vigilância das câmeras de segurança da Associação Recreativa Esportiva Segurança Física de Itaipu (Aresf), em Foz do Iguaçu, na noite do assassinato de Arruda. A principal suspeita é que o homem tenha tirado a própria vida.

Esquarcini seria o “responsável pelo fornecimento de senhas” das câmeras de segurança do local e teria sido por meio dele que Guarinho conseguiu acesso às imagens da festa de Arruda.

O MP do Paraná afirmou que ainda não é possível dizer se há relação entre a morte do vigilante e o assassinato do petista. “Se for constatado, no curso do inquérito, que o caso tem alguma relação com a morte de Marcelo Arruda, o MP analisará que providências adotar”, diz em nota.

Arruda foi morto por Guarinho enquanto comemorava o seu aniversário de 50 anos com uma festa temática do PT. O atirador invadiu o local gritando “aqui é Bolsonaro” e “mito” e baleou o petista. O guarda municipal ainda conseguiu revidar, e atingiu o agente penitenciário, que segue internado.